

Carta de Paulo

Aos

ROMANOS

(22º ESTUDO)

A CONDENAÇÃO DE QUEM NÃO FOI ESCOLHIDO

ROMANOS 9.14-33

REV. SILAS MATOS PINTO

A CONDENAÇÃO DE QUEM NÃO FOI ESCOLHIDO.

Romanos 9.14-33

O meritíssimo Juiz que atua em nossa cidade é uma pessoa maravilhosa. Ele julga de modo diferente. Sempre procura um modo de fazer com que o réu receba a pena merecida, porém que o castigo lhe seja dado de modo que ele seja recuperado. Agindo assim o juiz tem punido os crimes cometidos na cidade, porém, tem recuperado as pessoas que cometem os crimes.

Um juiz não teria como ser justo sem aplicar a pena merecida. Se absolvesse um culpado ele estaria sendo conivente com o criminoso. Se punisse além da pena merecida, estaria sendo injusto com o criminoso, dando-lhe um castigo além do que merecia.

Certo dia houve um crime que abalou a cidade. O senhor José, um homem bom e respeitado por todos, chegou em casa e ficou muito irado com sua esposa. A situação fugiu ao seu controle, e, descontrolado, acabou ferindo sua esposa e ela morreu. Sr. José foi levado ao juiz, que o julgou e o condenou a vários anos de prisão. A cidade ficou comovida com o castigo do sr. José e irritada contra o juiz que o condenou, pois todos achavam que a pena dele deveria ser leve, porque ele não merecia ficar na cadeia, é o que muitos achavam, pois, cadeia é para bandido e o sr. José não é bandido.

É prazeroso falar sobre a salvação que o pecador recebeu. Falar do céu é muito bom e enche o nosso coração de esperança e alegria. Porém, falar sobre a condenação e de alguém que foi condenado e vai passar a eternidade no inferno, é duro, desconfortável e nos parece muito cruel.

Até aqui Paulo falou sobre a salvação. Falou sobre o modo como Deus, sendo misericordioso, usou a Sua graça e nos assegurou um lugar de glórias e alegrias ao Seu lado. Mas, neste ponto da sua carta, Paulo entrou no assunto desagradável. Ele vai falar daqueles que não receberam a graça, nem o Espírito Santo e muito menos foram escolhidos por Deus para a salvação e, nem adotados como Seus filhos. Falará sobre os perdidos.

Assim como os moradores da cidade discordaram do Juiz que condenou o sr. José, porque o conheciam e gostavam dele, assim também não gostamos de pensar na possibilidade de um pai de família respeitável, uma mãe amável, um filho obediente ou um conhecido nosso possa ser condenado ao sofrimento eterno, no inferno. Assim como eles se revoltaram contra o juiz da cidade, muitas pessoas se voltam contra Deus, pelo fato de Deus condenar ímpios a um sofrimento eterno, sem fim e terrível.

Temos o hábito de minorar o mérito de condenação quando o réu é nosso conhecido. Quando o crime é contra nós, temos o hábito de querer sempre uma pena maior para o réu. Nosso senso de justiça precisa ser balizado pela justiça divina.

O juiz será justo e responsável se absolver um réu que é inocente, e também, se condenar, com todo o rigor da lei, ao réu que é culpado, por ter cometido um crime. O que o Juiz não pode fazer é condenar o inocente e inocentar o culpado.

Não podemos nos esquecer que TODOS os homens já estavam condenados. Nascemos condenados por causa da imputação do pecado de Adão na raça humana. Todos merecíamos a mais dura manifestação da ira divina.

Não há justos! Todos estávamos no banco dos réus e éramos, por natureza, filhos da ira de Deus. Os que foram salvos não o foram por algum mérito pessoal. Todos que foram salvos receberam a graça infinita de Deus e a Sua misericórdia, razão esta que garantiu o perdão e a aceitação divina.

Agora trataremos daqueles que não foram alvos da graça e da misericórdia de Deus. Desta situação que não gostamos de falar, mas que Paulo não poderia deixar de fora da sua carta.

Neste estudo, trataremos sobre:

A CONDENAÇÃO DE QUEM NÃO FOI ESCOLHIDO.

Em primeiro lugar veremos que **DEUS NÃO É INJUSTO POR CONDENÁ-LOS** (v.14) *“Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum!”*

Há muitos casos de crimes bárbaros que foram cometidos e os criminosos receberam penas enormes, até a pena de morte. O crime bárbaro exige que a pena seja dura. Uma pena leve

revelaria fraqueza do juiz e falta de coragem de dar ao criminoso o justo castigo que ele merecia.

O sangue derramado clama. Quando alguém tira a vida de outra pessoa o sangue jorra pelo chão e fica lá, mesmo depois da retirada do corpo. Todas as vezes que as pessoas passam e veem o sangue, logo pensam no castigo do criminoso. Quando nada foi feito a injustiça é trazida à memória e as pessoas clamam para que a justiça seja feita.

Sobre isto vimos em Gênesis 4.10,11, quando diz: *“E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim. És agora, pois, maldito por sobre a terra, cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão”*.

Também, em Apocalipse 6.9,10, ao relatar: *“Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?”*

Vejam que de Gênesis ao Apocalipse a Palavra de Deus revela que a injustiça precisa ser punida. Criminosos têm de pagar por seus crimes e não podem ficar impunes. Punir o pecador é uma exigência divina. O juiz que condena o criminoso não pode ser considerado injusto, e sim, justo.

No Salmo 9.12,17,18, lemos: *“Pois aquele que requer o sangue lembra-se deles e não se esquece do clamor dos aflitos... Os perversos serão lançados no inferno, e todas as nações que se esquecem de Deus. Pois o necessitado não será para sempre esquecido, e a esperança dos aflitos não se há de frustrar perpetuamente”*.

Neste Salmo lemos que a aflição sofrida pelo injustiçado exige que se faça justiça. Exige que aquele que fez o mal pague pelo mal feito aos outros. E também, receberão o castigo todos aqueles que se esqueceram de Deus, estes também não ficarão sem a devida e a justa punição.

É comum ouvirmos histórias de pessoas que cometeram adultério e foram descobertos. Na sua maioria eles são cometidos às escuras, no oculto, distantes dos olhos do cônjuge traído. Mas qualquer um de nós ficaria abismado se, numa festa, uma mulher casada, aos olhos de todos, se insinuasse para outro homem diante dos olhos do seu esposo. Isso seria inaceitável.

Pois é sobre isto que o Salmo 9 está tratando. Todos aqueles que pecaram sob o olhar de Deus serão castigados, pois agiram como a mulher adúltera ao pecar diante dos olhos do marido. Deus viu tudo o que fizeram e eles não se importaram com Deus e muito menos com o Seu castigo.

Em Tiago 5.1,4, lemos: *“Atendei, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos*

sobrevirão... Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos”.

Deus ouve o clamor do injustiçado. Ele não fica inerte diante do sofrimento daqueles que não podem se defender diante do mais forte. Por isso o Salmo 50.21,22, diz: *“Tens feito estas coisas, e eu me calei; pensavas que eu era teu igual; mas eu te arguirei e porei tudo à tua vista. Considerai, pois, nisto, vós que vos esqueceis de Deus, para que não vos despedace, sem haver quem vos livre”*.

A justiça de Deus, que é um dos seus santos atributos, exige que Deus puna o ímpio. Deus não será injusto ao condenar os ímpios, pois, assim como nós merecíamos e Cristo teve de morrer por nós para que não recebêssemos esse duro castigo, os ímpios o merecem e Deus não os poupará de tão dura manifestação da sua santa Ira. Seu castigo é merecido.

Em segundo lugar veremos que **DEUS NÃO É OBRIGADO A TER MISERICÓRDIA DE NINGUÉM** (v.15,18) *“Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprover ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprover ter compaixão”*.

A última palavra dita no comentário anterior foi: *“Seu castigo é merecido”*. Qualquer pessoa poderia questionar: *“Mas*

isto é injusto! Porque Deus castigou uns e livrou outros do castigo?”

Poderia até ser uma injustiça, mas não é. As pessoas que Deus decidiu salvar também eram merecedoras do castigo de Deus e da mais dura manifestação da Sua ira. Quando Deus resolveu salvar-nos Ele não se esqueceu dos nossos pecados, Ele pagou por eles. Ele nos castigou do modo mais cruel e terrível quando colocou seu único Filho para sofrer o nosso castigo. Não ficamos sem castigo.

Deus não deixou os salvos sem castigo. Se o fizesse, mesmo assim, não poderia ser acusado de injustiça, pois seria um ato de misericórdia. Mas se ele perdoasse ímpios, os salvos, sem a devida punição, este seria um ato injusto, não contra os ímpios condenados, mas contra o próprio Deus, pois os ímpios serão condenados porque merecem a condenação, mas a justiça divina exigiu dEle o sacrifício de Jesus.

Misericórdia não é recebida por mérito. Por isso todos os pecadores perdoados não têm do que se gloriar diante de Deus, pois o que todos nós merecíamos era a condenação. A misericórdia recebida foi a manifestação da absoluta bondade de Deus. Deus não foi obrigado a nos salvar e não é obrigado a salvar a ninguém.

Ninguém merece perdão. Todos precisam dele, mas merecer, não merecem mesmo! Imagine a situação de uma

esposa que traiu o marido. Ela foi pega em flagrante na cama do casal. O que essa mulher poderia dizer ao marido para forçá-lo a perdoá-la? Nada do que ela disser ao marido fará com que ele se sinta obrigado a perdoá-la. Se perdoar, será um ato de misericórdia. Por amá-la ele poderá até dar-lhe uma nova oportunidade, mas ela nunca poderá requerer isto dele.

Pense em qualquer situação em que uma pessoa tenha cometido um erro, seja no trabalho, seja um filho que desobedeceu, seja um vizinho que falou mal de você... qualquer tipo de erro poderia ser evitado se a pessoa que o cometeu tivesse se contido e o evitado. Se o cometeu não poderá se justificar. Seu erro foi sua culpa e o perdão dependerá somente da boa vontade de quem foi ofendido.

Misericórdia nunca poderá ser requerida por mérito. Aí entra esta nossa argumentação: Deus não é obrigado a ter misericórdia de ninguém. Por isso Paulo relembra o que o próprio Deus disse a Moisés: *“Terei misericórdia de quem me aprovar ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprovar ter compaixão”*.

Quem poderia dizer a Deus: *“Deus, eu não mereço o teu castigo!”* Qual homem ou mulher poderia acusar Deus de condená-lo injustamente, por ser inocente? Alguém teria coragem de olhar nos olhos de Deus e dizer que nunca cometeu pecados? Ninguém teria, pois todos sabemos que somos pecadores.

Bastaria Deus abrir a escrivadinha e pegar o caderno de anotações e ao ler a primeira linha, a argumentação deste pecador que se julga inocente já cairia por terra. Foi o que aconteceu a Pedro, quando Jesus, lá do cenáculo, o olhou profundamente. Os pecados de Pedro vieram todos à sua memória e ele saindo dali chorou amargamente, pois sabia que nada poderia justificar os seus erros.

Paulo reafirma o que o próprio Deus disse acerca da Sua liberdade de ser misericordioso com quem desejar e de não ser, com quem não quiser. Paulo diz: *“Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz”*.

Ninguém poderá questionar Deus na Sua liberdade. Ele não era obrigado a salvar ninguém. Ele salvou a quem quis e porque quis e não o fez por méritos dos pecadores, mas por Sua livre decisão. Àqueles que não quis salvar, os condenou, e estes condenados nunca poderão acusá-lo de ser injusto, pois são conscientes de que o que sempre mereceram foi a condenação.

Em terceiro lugar veremos que **A DECISÃO DE SER PERDOADO NUNCA ESTARÁ NAS MÃOS DO RÉU** (v.16,17) *“Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia”*.

Imagine uma situação esdrúxula: O réu recebe a pena do juiz e não a aceita. Ele se levanta, argumenta a seu favor e toma a decisão, dizendo: *“Eu não concordo com a pena que esse juiz*

aplicou a mim. Eu não sou mal e não quero o mal de ninguém. O que aconteceu não deveria ter acontecido. Não aceito a decisão do juiz e não vou sofrer penalidade alguma. Saio daqui como um inocente e livre de qualquer penalidade. Assim decido!”

Podes imaginar algo parecido? Mas é isto que muitos pecadores desejam dizer a Deus quando são disciplinados por ele. Não aceitam ser punidos, pois julgam que seus deslizes não são passíveis de pena alguma. Perdoam a si mesmos e se julgam inocentes. Decretam o seu próprio perdão, como se tivessem a autoridade de anular a sua ação pecaminosa.

O perdão nunca poderá ser exigido pelo réu ou aplicado a si mesmo por ele. Se o réu está nesta condição é porque cometeu algum crime, delito ou feriu a alguém. Tendo feito mal a um terceiro terá de ressarcir o bem furtado, terá de pagar pelo que foi roubado, terá de sofrer a pena por ter ferido a alguém. Ele nunca poderá limpar a sua própria ficha. Terá de depender da decisão daquele que julga. Terá de pagar pelo crime cometido.

O Salmo 14.2,3, diz: *“Do céu olha o Senhor para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer”*.

Este texto reflete a realidade humana. Sem a ação divina em nós, através do Espírito Santo, nenhum dos homens buscaria a presença de Deus ou teria qualquer compreensão do seu triste

estado de pecado e miséria. Não escaparia um, pois, como o texto diz, *“Não há nem um sequer”*.

Deus chamou homens para servi-lo e contou a sua história. O relacionamento de Deus com os homens foi marcado pela fidelidade de Deus e infidelidade dos homens. Não houve um homem sequer que tenha sido fiel como Deus exige. Abrão mentiu, Moisés perdeu a paciência, Davi adulterou, Pedro negou... que triste constatação é esta, não é?

E você? O que acha de você mesmo? Você poderia se apresentar como justo, sem pecados? Acha que poderia exigir que Deus te aceitasse? Pensas que está na mão dos homens o direito de exigir de Deus que sejam perdoados, mesmo depois de ter tratado Deus com desprezo, virado as costas e praticado ações que Deus abomina? E, depois de ter ofendido a Deus, pode virar para Ele e dizer: *“Deus, abre as portas dos céus que eu tô chegando e não aceito ficar de fora. O Senhor terá de me perdoar”*. Consegue acreditar nesta loucura?

Foi para revelar que esta nunca seria uma situação aceitável que Paulo afirmou: *“Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia”*.

Nada do que o homem disser ou fizer poderá fazer com que Deus se sinta na obrigação de salvá-lo. Ele não tem obrigação nenhuma de salvar a ninguém. Como vimos, o próprio Deus diz que terá misericórdia de quem quiser. A salvação de

todos os que foram salvos foi um ato de misericórdia. Ela não dependeu da ação, palavras e pensamentos de quem a recebeu.

Os esforços humanos rumo a salvação só acontecem após o próprio Deus agir no pecador, regenerá-lo, dar o entendimento da sua triste situação de miséria espiritual e revelar prazer em Deus. Deus faz com que o pecador que desejou salvar sinta o desejo por Ele. Sem a ação divina, como diz o salmo 14, *“Não há quem busque a Deus”*. Deus agiu em nós para o buscarmos. Nunca dependeu de nós. Sempre dependeu da Sua misericórdia.

Mas há o outro lado. Aqueles que Deus não quis salvar estão num estado de rebeldia. Deus não lhes foi misericordioso e nem os atraiu a Si. Seu coração é duro e não compreende Deus e nem as Suas atitudes. Tudo o que diz respeito a Deus é desagradável. São inimigos da cruz e de Cristo.

O seu coração é duro e rebelde. O Espírito Santo restringe o mal que podem praticar. Como é dito em 2ª Tessalonicenses 2.7,8: *“Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém”*.

Paulo cita o que foi feito de Faraó. Diz: *“Porque a Escritura diz a Faraó: ‘Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra’*”.

Deus endureceu o coração de Faraó. Revelou nele e no seu povo o Seu poder e fez com que o mundo soubesse que

existe um Deus, que é vivo e poderoso. Deus não salvou a Faraó. Ele endureceu o coração dele para que nele fosse revelada a glória de Deus. Deus não quis salvar a Faraó e ele não poderia obrigar Deus a salvá-lo.

Creio que Paulo deixou bem claro: Nunca dependeu do ímpio a decisão de ser perdoado, e, conseqüentemente, salvo. A decisão de perdoar sempre estará nas mãos de quem foi ofendido, no caso Deus foi o ofendido. Os ofensores, nós, só podemos esperar que Deus manifeste a sua misericórdia a nós.

Em quarto lugar, veremos que **O CONDENADO NÃO TEM DIREITO A QUEIXAR-SE DO JUIZ QUE O CONDENOU** (v.19-29) *“Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade? Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?!”*

As pessoas têm buscado os seus direitos, mesmo quando não os tem. Têm reivindicado direitos que só existem nas suas mentes corruptas. Vimos, por exemplo, em algumas universidades, alunos reivindicam o direito de poderem usar drogas, livremente, no campus da faculdade. Numa delas, bem conhecida, existem salas nas quais a polícia não pode entrar e nem os diretores da faculdade tem acesso. Quando foi que alunos receberam este direito?

O problema dos réus é não reconhecer o seu erro. Por se julgarem inocentes ou que seu crime fora pequeno ou irrelevante,

rejeitam a punição que lhes é imputada. Esta situação ocorre dentro de igrejas, entre seus membros, quando o Conselho convoca membros para prestar contas de seus pecados e agem com brutalidade, rejeitando o direito que este tem de julgá-los e aplicar punições sobre eles.

Na história bíblica vimos várias punições que foram impostas a pecadores. Acã foi apedrejado. Datã e Abirão foram engolidos vivos pela terra. Miriam ficou leprosa por requerer uma autoridade que Deus não lhe deu. O filho do adultério de Davi foi morto. Ananias e Safira morreram por terem mentido sobre o valor da venda da sua propriedade. O adúltero de Coríntios foi punido por dormir com a mulher de seu pai. Que direito estes teriam de se rebelar contra a autoridade que os puniu?

Conhecemos a história do exílio de Judá. Deus foi duro na aplicação da Sua justiça. Os profetas foram a boca de Deus avisando ao povo qual deveria ser a sua atitude, mas não ouviram. Jeremias, o profeta, chorou pelo estado de Judá. Reconheceu que *“As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã”* (Lamentação 3.22).

Depois de reconhecer a manifestação da misericórdia de Deus, mesmo em meio aos castigos impostos por Deus, ele reconhece que Deus é bom e exalta os atos divinos e por fim, afirma: *“Por que, pois, se queixa o homem vivente? Queixe-se*

cada um dos seus próprios pecados. Esquadrinhemos os nossos caminhos, provemo-los e voltemos para o Senhor” (Lm 3.39,40).

O que aconteceu a Jeremias é o que Paulo quer que todos os condenados reconheçam. Que eles não têm direito algum de se rebelarem contra o Juiz que os condenou. Veja o que ele diz: *“Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade?”* O condenado se fez condenado ao dar ao pecado a honra que deveria ser dada a Deus.

É como se ele dissesse: Por que você está se queixando? Quantas vezes você resistiu a vontade de Deus? Quantas vezes o desobedeceu? Quantas vezes andou pelos caminhos do teu coração e contra a vontade dEle? Mesmo consciente dos malefícios dos caminhos pelos quais andou você nunca desistiu de andar neles, mesmo sabendo que Deus os detesta, como você, agora vem se queixando de Deus?

É a mesma conscientização a que chegou o profeta Jeremias. Cada um dos condenados deve se queixar de si mesmo, pois a culpa da condenação é sua, não é de Deus. Deus não praticou pecados, Ele os puniu. O pecador sabia das consequências, e mesmo assim, os praticou.

Então Paulo diz: *“Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?!”* Paulo dá uma enquadrada nos condenados, mostrando que eles não estão qualificados para questionar as

decisões divinas, pois o juiz julgou e condenou culpados. Nenhum deles era inocente.

Paulo relembra uma cena muito conhecida dos judeus. Deus enviara o profeta Jeremias à olaria e diz que lá daria uma lição ao profeta. Jeremias observou o trabalho do oleiro, refazendo vasos que se deformavam ou criando formas diferentes do barro. E Deus reafirma ao profeta a liberdade que o Criador tem de fazer, do barro, vasos de várias formas e até mesmo de não fazê-los, se assim desejar.

Paulo disse: *“Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: ‘por que me fizeste assim?’ ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra?”*

Se Deus quis salvar uns, por misericórdia, e não quis salvar outros, aplicando sobre estes a Sua dura justiça e a Sua santa Ira, não serão os condenados ou salvos que poderão questioná-lo por sua atitude.

Aí, Paulo continua: *“Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?”*

Paulo revela, no texto, que tanto os que foram salvos, quanto os que foram condenados são conhecidos de Deus desde antes da fundação do mundo. Os perdidos são descritos como *“Vasos de ira, preparados para a perdição”*. E os salvos como *“Vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão, os quais somos nós”*. Deus será glorificado na salvação dos perdoados e na condenação dos que forem condenados.

Isto mostra que ninguém surpreendeu a Deus. Ele conhecia profundamente a todos, tanto perdidos quanto salvos, e sabia a motivação dos seus corações e todas as suas atitudes, antes que houvesse mundo. Antes de nascerem já tinham recebido o decreto de Deus, para a salvação ou para a condenação.

Deus não restringiu Sua graça ao povo de Israel. Ele estendeu a sua graça a todos os povos da terra. Por isso o texto diz: *“Assim como também diz Oséias: ‘Chamarei povo meu ao que não era meu povo, e amada, à que não era amada’; e no lugar em que se lhes disse: ‘Vós não sois meu povo, ali mesmo serão chamados filhos do Deus vivo’. Mas, relativamente a Israel, dele clama Isaías: ‘Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo’. Porque o Senhor cumprirá a sua palavra sobre a terra, cabalmente e em breve”*.

Israel sempre se julgou dono de Deus. Nunca foi! Israel, como todos os povos da terra, foi rebelde e mereceu o juízo. Deus, assim como salvou pessoas de todos os povos, também salvou israelitas, usando sempre a Sua misericórdia como base para tomar a Sua decisão.

Israel merecia ser condenado e destruído, assim como todos os povos da terra mereciam. Mas Deus, sendo misericordioso, manteve a semente do povo escolhido: *“Como Isaías já disse: ‘Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado descendência, ter-nos-íamos tornado como Sodoma e semelhante a Gomorra’.*

Esse remanescente salvo não pode arrogar-se como melhor do que os demais, por ter sido salvo. Também, os condenados nunca poderão questionar o Juiz que os condenou, pois todos mereceram a condenação.

Em quinto lugar veremos que **A MISERICÓRDIA DIVINA NÃO DEPENDE DAS ATITUDES E RESPOSTAS HUMANAS** (v.30-33) *“Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justificação, vieram a alcançá-la, todavia, a que decorre da fé; e Israel, que buscava a lei de justiça, não chegou a atingir essa lei. Por quê? Porque não decorreu de fé, e sim como que das obras”.*

Em João 14.6, Jesus afirma: *“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao pai senão por mim”.* Jesus

usa e repete o artigo definido “o” revelando a exclusividade na sua afirmação. Ele não é apenas “um” caminho, é o único. Conclui-se que não existe outro caminho que possa levar aos céus, a não ser através do sacrifício redentor de Jesus Cristo.

Paulo citou dois grupos: Gentios e Judeus. Os judeus foram chamados por Deus para Deus se revelar na história deles. Lendo a história de Israel vemos a infidelidade dos israelitas e a fidelidade de Deus. Foi para eles que Deus se revelou por anos e para eles prometeu o Redentor. Israel conheceu a Lei e tentou adquirir sua salvação na sua obediência, enquanto Deus sempre quis que dependessem dEle e de Sua graça. Por dependerem de si, nunca alcançaram a salvação.

Os gentios são todos os povos que não são judeus. Quando Deus chamou Abraão e fez a Aliança com ele lhe disse que nele seriam abençoados todos os povos da terra. O projeto de Deus era alcançar a todos os povos, mas Israel guardou Deus somente para si. Chegado o momento certo, Jesus disse: *“Ide e pregai o evangelho a toda criatura”.*

Os gentios não tinham obras para apresentar a Deus e sabiam disso. Sua história era de perversão. Mas conheceram o evangelho que lhes fora pregado e creram. Receberam fé e foram salvos.

Porque um grupo foi salvo e outro não? Paulo responde: *“Por quê? Porque não decorreu de fé, e sim como que das obras.*

Tropeçaram na pedra de tropeço, como está escrito: Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido”.

Jesus é a pedra na qual tropeçaram. Não há como ter acesso a Deus sem Jesus. Eles se recusaram a crer em Jesus. Os gentios creram e foram salvos. A fé em Jesus é o que faz a diferença. Ninguém será salvo por que faz, mas porque crê. A misericórdia divina não depende das ações humanas, pois todas estão corrompidas, mas está no coração de Deus, que erradia amor por suas criaturas.

Quando resolveu salvar enviou o Espírito Santo. Regenerou os mortos, deu-lhes vida. Os atraiu a si. Levou-os ao arrependimento e deu-lhes fé. Crendo, foram salvos.

Os outros não tiveram fé, pois não a receberam. Deus se recusou a dá-la aos outros, e por isso a palavra que ouviram não serviu para sua salvação, mas para sua condenação. Por isso é que o autor de Hebreus 4.2,3, afirma: *“Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram. Nós, porém, que cremos, entramos no descanso”.*

O salvador é Deus. Nós somos o alvo da Sua graça e não os promotores da salvação. Nós não nos salvamos, nós somos

salvos por Deus e unicamente em Cristo. Fora dEle não há salvação.

Irmãos, neste texto tratamos de um dos assuntos mais espinhentos da salvação pela graça.

Tratamos sobre

A CONDENAÇÃO DE QUEM NÃO FOI ESCOLHIDO.

Nele vimos que

- **DEUS NÃO É INJUSTO POR CONDENÁ-LOS** (v.14)
- **DEUS NÃO É OBRIGADO A TER MISERICÓRDIA DE NINGUÉM** (v.15,18)
- **A DECISÃO DE SER PERDOADO NUNCA ESTARÁ NAS MÃOS DO RÉU** (v.16,17)
- **O CONDENADO NÃO TEM DIREITO DE QUEIXAR-SE DO JUIZ QUE O CONDENOU** (v.19-29)
- **A MISERICÓRDIA DIVINA NÃO DEPENDE DAS ATITUDES E RESPOSTAS HUMANAS** (v.30-33)

Devemos ser gratos a Deus por nossa salvação. Deus poderia nos ter condenado, mas decidiu nos salvar. Não podemos julgar a Deus por não desejar salvar os que não foram salvos. Ele foi livre para nos salvar, assim como foi livre para condená-los.

Sejamos servos e amemos ao nosso Senhor e Salvador. Ele é o Juiz sábio e misericordioso. Entreguemo-nos à Sua justiça com alegria, sem questioná-lo, pois nós não somos capazes de alcançar os seus projetos, Seus planos e muito menos os seus pensamentos.

Ele é Deus, e nós? Apenas Suas criaturas. Respeite-o!